

MULHERES NO AMBIENTE DE TRABALHO MASCULINO

Giuliana Beatriz Almeida Filidei¹

Priscila Araujo Machado²

Eduardo de Freitas Miranda³

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar a inserção das mulheres no mercado de trabalho e identificar fatores que influenciam no relacionamento delas com os homens neste ambiente profissional. A importância deste estudo nos permitirá analisar o este relacionamento no ambiente masculinizado e como elas lidam com as diferenças diárias, como enfrentam os desafios que surgem, e como reagem diante de algumas adversidades. Realizada uma investigação qualitativa, com 4 (quatro) mulheres que atuam como Policiais Civis, com faixa etária de idade de 31 (trinta e um) a 41 (quarenta e um) anos, na Delegacia Policial da Região Médio Paraíba, no Estado do Rio de Janeiro. O instrumento utilizado para a pesquisa é de entrevista semiestruturada na qual poderemos observar e analisar se há fatores como preconceito, como se dá esses relacionamentos e o que elas vêm fazendo para conquistar o espaço no mercado de trabalho.

Palavras-Chave: Inserção da Mulher. Ambiente Masculinizado. Relacionamento.

¹Bacharel em Psicologia com Ênfase em Processo de Gestão no Centro Universitário de Barra Mansa.

²Bacharel em Psicologia com Ênfase em Processo de Gestão no Centro Universitário de Barra Mansa.

³Mestre em Psicologia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

WOMEN IN THE MALE WORK ENVIRONMENT

Abstract

This paper aims to analyze the insertion of women in the labor market, and to identify factors that influence the relationship of women with men in this work environment. The importance of this study will allow us to analyze the relationship of women to men in a masculinized work environment and how they deal with the differences that occur in everyday life, how they face the challenges that arise, and how they react to some adversities. A qualitative investigation was carried out with 4 (four) women acting as Civil Police, aged between 31 (thirty one) to 41 (forty one) years, at the Police Station of the Middle Paraíba Region, Rio de Janeiro State. of January. The instrument used for the research is a semi-structured interview where we can observe and analyze if there are factors such as prejudice and how men relate to women, and what they have been doing to conquer the space in the job market.

Keywords: Woman Insertion. Masculinized Environment. Relationship.

Introdução

No decorrer da última década, a mulher vem se destacando e conquistando o seu espaço no mercado de trabalho. Enfrentou e passou por grandes obstáculos, que o resultado e a recompensa pelo esforço de décadas, a mulher teve seus direitos garantidos, dando abertura para a sua inserção no mercado de trabalho, conseguindo validar seus direitos trabalhistas diante da sociedade, que até então fora dominada pela força masculina.

Esta pesquisa tem como objeto de estudo identificar como se dá a relação dos homens com as mulheres em um ambiente de trabalho masculinizado, como é o cotidiano delas, o tratamento que elas recebem, como se sentem, como é para elas estarem em um ambiente de trabalho masculino, os desafios que enfrentam

trabalhando juntamente com eles. Será analisada a discriminação de gênero, preconceito e como foi à inserção das mulheres neste ambiente de trabalho.

Abordaremos sobre a posição da mulher no ambiente de trabalho masculino como eles se relacionam e lidam com as diferenças que ocorrem no cotidiano de sua carreira profissional. A importância da mulher no mercado de trabalho, e o que elas vêm fazendo para conquistar espaço no mercado, diferente de alguns anos atrás, onde a inserção das mulheres não estava com esse crescimento, como está hoje. Como elas enfrentam os desafios que possam surgir e como se comportam neste ambiente de trabalho mediante as adversidades. Abordaremos o tema, a mulher no mercado de trabalho brasileiro e como está à situação da mulher no mercado de trabalho atualmente de forma geral, com foco na trabalhadora brasileira, provando o resultado de toda a luta da mulher, como elas são vistas hoje no seu ambiente de trabalho, os resultados e avanços obtidos, após sua difícil inserção no mercado de trabalho.

Embora nas últimas décadas do século XX e neste início do século XXI tenhamos presenciado a inserção cada vez mais crescente da mulher no campo do trabalho, fato este explicado pela combinação de fatores econômicos, culturais e sociais, ainda são diversas as desigualdades existentes na sociedade brasileira. Em razão do avanço e crescimento da industrialização no Brasil, ocorreram a transformação da estrutura produtiva, o contínuo processo de urbanização e a redução das taxas de fecundidade nas famílias, proporcionando a inclusão das mulheres no mercado de trabalho. A inserção do trabalho feminino se explica pelo crescimento da economia informacional global, as mudanças tecnológicas no processo de reprodução e o desenvolvimento do movimento feminista. Nos dias atuais as mulheres vêm conquistando o seu espaço, respeito de todos no mercado, existe uma expectativa e confiança que são depositadas e dadas a elas, principalmente em um mundo que está globalizado onde há necessidades de reações rápidas e profissionais qualificados, mas não somente na sua área, aonde possa doar os seus conhecimentos, habilidades, unir homens e mulheres para aumentar sua

produtividade, reduzir perdas, aperfeiçoar o tempo gasto em cada tarefa em um âmbito geral de uma empresa. Pois o cenário de hoje exige que os profissionais consigam atender aos detalhes e focar nas coisas que realmente são importantes significativas, e as mulheres tendem a encaixar-se neste perfil descrito.

Em 1943, tivemos um grande avanço na edição de normas protetivas à mulher, que foi a promulgação da CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas), solidificando todas as matérias relativas ao trabalho, e, claro, o exercício da atividade empregatícia da mulher. Logo, ocorreram algumas alterações na CLT e a primeira alteração foi em 1944, quando foi admitido o trabalho noturno da mulher em algumas atividades, desde que esta seja maior de 18 (dezoito) anos. Têm-se na CLT um Capítulo (Capítulo III do Título III) destinado exclusivamente ao trabalho da mulher, dispostos nas seguintes seções: I – Da duração, condições do trabalho e da discriminação contra a mulher; II – Do trabalho noturno; III – Dos períodos de descanso; IV – Dos médicos e locais de trabalho; V- Da proteção a maternidade; VI – Das penalidades.

A promulgação da Constituição Federal de 1988 foi um grande marco para a proteção da mulher no mercado de trabalho, conferindo direitos e proteção à mesma, garantindo assim, uma nova etapa à mulher trabalhadora, demonstrando não só a evolução da mulher no mercado de trabalho, mas também a evolução da sociedade, ou seja, o relacionamento das mulheres com os homens neste ambiente de trabalho, os desafios, as diferenças e os constrangimentos que possam surgir no dia a dia, como por exemplo: as diferenças de salários, estarem em um cargo de liderança, e como eles se portam por estarem nesta posição, onde eles são subordinados por mulheres, questões relacionadas a assédio, respeito como elas reagem a essas situações. As mulheres ainda têm que lidar com questões de desigualdade, competências e principalmente salarial em relação aos homens no mercado de trabalho e com preconceito por parte dos homens em serem liderados por mulheres.

As desigualdades entre os sexos fazem parte da estrutura de diferentes sociedades, fruto de uma construção histórica na qual as mulheres foram situadas em posição inferior à dos homens. Nas sociedades contemporâneas elas passaram a se

destacar em diferentes áreas. Anunciando mudanças nas relações de gêneros, ou seja, nas competências atribuídas a cada sexo. O incremento da presença feminina no mercado de trabalho é parte destas modificações, não obstante mantidas contradições nas oportunidades laborais disponíveis para homens e mulheres. Embora as mulheres ocupem cada vez mais espaço no mercado de trabalho “algumas áreas são predominantemente masculinas e, nos cargos mais altos, em praticamente em todas as áreas, elas são minoria” (ABREU; MEIRELLES, 2012, p.11).

A imagem preconcebida de que as mulheres são mais delicadas, emotivas, mais preocupadas com os outros, boas em afazeres domésticos e os homens são mais brutos, racionais, competentes, autônomos, bons em trabalhos mais pesados e assumir comandos, ainda existe hoje em dia. Ao avistar uma mulher trabalhando como motorista de ônibus ou como pedreira, por exemplo, muitas pessoas expressam sentimento negativo que levam mesmo à violência verbal e/ou física. O projeto de Lei nº 8.862 de 2017 dispõe sobre a punição de crimes de intolerância, preconceito, discriminação e violência contra a liberdade e o livre exercício de crença.

Apesar da conquista delas no mercado de trabalho, o preconceito ainda é grande, pois as dificuldades enfrentadas pelas mulheres para ocuparem cargos de maior projeção na hierarquia laboral podem ser tributadas à vigência de antigos estereótipos oriundos do contraste entre identidade feminina/masculina. A ideia que às mulheres caberia dedicação ao lar e a família, foi o que fundamentou a definição de suas competências a partir da constituição das sociedades (burguesas e industriais), quando os espaços privados/públicos foram demarcados para os sexos.

Mulheres no ambiente de trabalho masculino

Ao longo dos anos mudanças importantes têm ocorrido na participação das mulheres no mercado de trabalho. A partir da Revolução Francesa (1789), as mulheres começaram a passar a atuar de forma importante na sociedade. Entre as

mudanças, podemos destacar questões relativas à exploração e limitação de seus direitos, cujas características marcaram a atuação da mulher buscando a melhoria da vida e condições de trabalho, com o início da participação política, a busca à instrução e a procura da igualdade de direitos entre os sexos. A Revolução Industrial também foi muito importante para as mulheres, pois teve a importante mão-de-obra feminina pelas indústrias, trazendo definitivamente, a inserção da mulher na produção. Segundo o Artigo 13, inciso I da Constituição Federal,

Todos são iguais perante a lei, porém as mulheres vêm tentando colocar em prática essa lei. Com as Guerras mundiais (I e II) as mulheres assumiram os negócios da família e uma posição de trabalho no mercado. Com o desenvolvimento industrial, muitas mulheres foram trabalhar em fábricas, se prevalecendo assim da lei, porém, a exploração seguiu por muito tempo. Ao ocorrer a Revolução Industrial, houve a exploração de mão-de-obra, sendo o tempo controlado não pelos artesãos, pelos donos da indústria. Os trabalhos das mulheres e das crianças foram muito importantes para as fábricas, pois diminuía os esforços executados como também os custos com os salários. As mulheres passam a serem totalmente exploradas nas fábricas tendo exceção nas horas de trabalho, salários muito baixos entre outros. (BAYLÃO; SCHETTINO, 2014, p. 3)

Podemos afirmar que:

à inserção da mulher no mercado de trabalho se deve também a dois acontecimentos que marcaram a história da humanidade, e modificou a vida das mulheres. Com as guerras os homens tinham que ingressar nas frentes de batalha e as mulheres passaram a assumir os negócios da família e a posição dos homens no trabalho. (BAYLÃO; SCHETTINO, 2014, p.4)

Podemos entender também que as mulheres deixaram de serem apenas donas de casa. Elas começaram a se dividir entre a casa e o trabalho. A entrada da mulher no mercado de trabalho também se deve ao desenvolvimento de métodos contraceptivos, como o uso do anticoncepcional, com as mulheres diminuindo a quantidade de filhos que queriam ter, se quisessem ter, quando e quanto tê-los, ou seja, passaram a ser não somente mãe e esposa, mas também operária, enfermeira,

professora, arquiteta, juíza, pedreira, motorista de ônibus, bancária, médica, contadora, psicóloga, policial, entre outras das mais diversificadas profissões, ocupando um cenário que antes era masculino.

No século XXI, as inovações tecnológicas, o capitalismo, a globalização vemos a impulsão e especialização das mulheres para o mercado de trabalho. Hoje, elas estão cada dia mais nas lideranças de grandes empresas, pois o número delas em cargos importantes cresceu bastante. Portanto, as mulheres ao longo da história fizeram grandes transformações em sua vida familiar e na sociedade. A participação feminina no mercado de trabalho tem crescido de forma considerável.

O Brasil está passando por profundas transformações econômicas e culturais ao longo das três décadas, num processo que tem como uma de suas características a crescente valorização da mão-de-obra feminina no mercado de trabalho. A inserção das mulheres no mercado de trabalho melhora tanto quantitativamente, via aumento da taxa de participação feminina, como qualitativamente, através do acesso a melhores postos de trabalho, antes reservados aos homens” (BAYLÃO; SCHETTINO, 2014, p. 9).

Algumas dessas transformações que as mulheres vêm buscando podemos citar a procura da igualdade de direitos entre os sexos, onde elas não possam sofrer qualquer tipo de preconceito e discriminação, por serem do sexo feminino. E para que aqueles que acham ou pensam que elas não são aptas a exercerem ou assumirem um trabalho que para alguns, somente os “homens” podem fazer ou trabalharem em locais propriamente masculinizados, onde essa categorização no trabalho não aconteça pela diferença de sexo feminino e masculino.

Cada vez que há divisão sexual do trabalho ou do poder, há criação e reiteração de categorizações sexuadas. A primeira das grandes categorizações sociais de sexo concerne, evidentemente, a participação dos indivíduos entre categorias de sexo, entre “homens” e “mulheres”. Seguiu-se toda uma visão do mundo organizada em um sistema de atributos, de normas, de valores, etc., fixando uma oposição entre “masculino” e o “feminino” (DEVREUX, 2005, p. 568).

Essa divisão ou categorização é como se existisse um manual ou uma regra que estabelecesse o que as mulheres ou os homens devem fazer, o que é adequado para cada um, ou seja, algo pré-determinado, como se as mulheres, por exemplo, só tivessem qualificadas para exercerem serviços domésticos e os homens, trabalhos que somente eles podem ter como profissão, por exemplo, pedreiro. Mas isso já está mudando, já existem mulheres cuja profissão é pedreira e são excelentes profissionais, isso é um início de uma grande mudança, que vem crescendo e provando a cada dia que a profissão não está ligada a sexo feminino ou masculino.

Esse trabalho de categorização operado por meio das relações sociais do sexo consiste em dar – e fixar como verdade – definições sociais: estabelecer o que é um homem e o que é uma mulher; estabelecer o que é trabalho e o que não o é; o que é produção e o que o não é. Estabelecer, também, o que é normal para uma mulher e o que não o é; estabelecer o que é socialmente aceitável e o que é desvalorizável, etc. Tal trabalho de categorização é assimétrico: a posição dominante dos homens dispensa estabelecer o que é o masculino, pois o masculino é norma de referência [...]” (DEVREUX, 2005, p.569).

A masculinidade tem relação com poder pode ser entendido como uma subjetivação contemporânea.

Na construção da imagem masculina ideal, o casamento tem um lugar idealizado e é representado no ambiente de trabalho por fotos de esposa e filhos. Ao mesmo tempo, o fato de ser conquistador e manter casos é invejado e valorizado como um atributo que todos os demais gostariam de ter” (ECCEL; GRISCI, 2011, p. 16).

É importante ressaltar que:

Fazer comentários sobre as mulheres, contar sobre aventuras sexuais ou comportar-se galanteadoramente são comportamentos que explicitam a heterossexualidade e são sustentados pelos homens que se regulam mutuamente pela aderência a estas práticas masculinas” (ECCEL; GRISCI, 2011, p. 16).

Nos ambientes de trabalho as mulheres passam por assédios com homens e/ou também os homens falam em tom fortes, essa construção de masculinidade é também pela “linguagem coloquial entre os homens também alude a conotações sexuais para expressar o uso do poder” (ECCEL; GRISCI, p. 16).

Parece-nos que mulheres não são qualificadas a trabalharem com máquinas, em empresas, por exemplo, devido à força física que somente os homens são capacitados para tal atividade, e com isso mulheres exercem trabalhos mais “leves”, que para eles, não exigirá nenhum esforço físico das mulheres, ressaltando que o homem sim, tem um porte maior do que as mulheres, mas isso não significa que elas não possam exercer tal função em um ambiente de trabalho. Podemos assim afirmar então que o trabalho que é exercido por, na maioria das mulheres como empregada doméstica, somente elas podem trabalhar, por ser visto como um trabalho, digamos “feito” para mulheres? Pôr qual motivo os homens não podem trabalhar com essa profissão, seria porque foi imposto que é para mulheres, da mesma maneira, de o porquê mulheres não poderem trabalhar nas empresas e com máquinas, porque somente homens são capazes. Aos poucos isso vem mudando hoje já podemos ver um avanço aonde mulheres já trabalham com maquinários nas empresas, apesar de ainda existir muitas barreiras e preconceitos nesta área.

O segundo, correlato ao primeiro, é a ausência de mulheres na operação de máquinas maiores e/ou que exijam níveis mais altos de qualificação. Quando aí alocadas, as mulheres não se ocupavam dos ajustes e preparação dos equipamentos, nem do controle de qualidade, sempre atribuídos aos homens. As chefias justificavam as limitações das tarefas assignadas às mulheres alegando a ausência de força física. Restariam, então, para a parcela feminina da força de trabalho, postos cujo trabalho era mais leve e mais simples. (RIZEK; LEITE, 1998, p.285)

A participação das mulheres no mercado de trabalho vem crescendo bastante nestes últimos anos, e mesmo com esse crescimento e evolução, as mulheres ainda enfrentam grandes dificuldades e desafios pelo caminho, como o cargo de chefias, as

mulheres ainda são minorias, outro fator relevante é a questão salarial, os homens ainda tem o salário maior do que o das mulheres, dados esses que deixam claro que há muito a se mudar e conquistar. É uma superação que elas têm vivenciado, para se consolidarem ou até mesmo para criarem seu espaço no mercado de trabalho ou em outros locais de trabalho que elas atuem ou se destaquem.

Um dos fatores que as mulheres tiveram e tem que ter, é um equilíbrio entre a vida pessoal e profissional, não que isso seja um problema, mas além da busca pela realização profissional elas têm um compromisso com o seu lar, filhos e questões de organização do lar. Elas conseguem consolidar a casa, com a carreira profissional mostra o quanto às mulheres são organizadas, capazes de exercerem e manterem ambas as funções.

Nesta situação podemos analisar pontos positivos, que em um local de trabalho é muito favorável, pois demonstra que as mulheres têm habilidades, multitarefas e são organizadas, que em ambiente de trabalho é muito importante. Saber ter um equilíbrio tem grande valor, tanto na vida pessoal ou profissional, e principalmente liderança, nesta situação acima citada, é notório características importantíssimas que podem fazer com que no âmbito profissional, elas venham ter um excelente resultado.

O trabalho das mulheres na polícia tem sido visto como uma ocupação masculina, porém a estrutura do trabalho policial mudou, não é mais só a força física, mas sim a redução de situações potencialmente violentas e conflitivas, atender coletivos que exigem tratamentos diferenciados e a valorização de forma preventivas, tem também a inteligência, a inovação, o trabalho em equipe, e as mulheres são capazes de assumir essas formas de ação da polícia.

A feminilidade é associada como característica inerente ao ser mulher, e à medida em que a mulher manifesta um comportamento agressivo e violento, surpreende, mas como manifestação no espaço policial, fica “aceito”, pois este espaço é reconhecido como espaço masculino, de uma violência possível. (CALAZANS, 2003, p. 92)

As pesquisas de Márcia Esteves Calazans (2003) mostram que o ingresso de mulheres no âmbito policial indica que esta ocupação não é mais exclusivamente feminina e que os tais atributos são também associados a condições femininas.

A ideia de trabalho de Policial Militar como trabalho de homens, construída no imaginário social, incrementa as crenças do ser mulher. Então, para se adequarem ao rigor do “ser policial”, estas mulheres suportam a longa e árdua aprendizagem de construir-se em policiais, em uma espécie de sacrifício físico. (CALAZANS, 2003, p. 111)

Em 2003 foi realizada uma pesquisa pela Leonarda Musumeci e a Bárbara Musumeci Soares com as Policiais Militares no Brasil a partir de informações com levantamentos estatísticos pelo Centro de Estudos de Segurança e Cidadania. A primeira abordagem foi sobre quantas são as policiais no Brasil, e pelas informações são 25.675 mulheres e 342.415 homens na ativa, o que correspondia a uma participação feminina de 7%. A segunda abordagem foi sobre se elas são superiores ou subalternas e a oficiais no contingente feminino é maior que no masculino, mas no conjunto das PMs, a distribuição das mulheres por círculos hierárquicos, não se distancia do efetivo policial masculino.

A terceira é sobre se elas são soldadas ou coronéis, contudo a maior participação feminina é no posto de tenente. Nas informações foram ressaltadas que são jovens PM femininas, pois elas só tiveram acesso no ano de 1980 em diante. Na pesquisa mostra que 92,2% das mulheres tinham menos de 40 (quarenta) anos de idade e quase metade do total (44,9%) tinha menos de 30 (trinta) anos, enquanto entre os homens esses percentuais eram, respectivamente, de 73 e 28,9%.

Um outro tópico foi ressaltado que não obtiveram informações sobre todos os Estados do Brasil sobre raça / cor, mas as informações válidas dizem que a diferença mais expressiva que se observa não é entre os sexos, e sim entre os círculos hierárquicos: tanto no efetivo masculino quanto no feminino, a proporção de oficiais

brancos (as) é superior à de praças brancos (as), no caso dos (as) negros (as), é bem maior entre as praças que entre os (as) oficiais.

As pessoas pardas têm uma proporção maior das praças que dos oficiais, mas são uma porcentagem bem maior dos oficiais femininos do que das praças femininas. As policiais têm predominância de solteiras entre elas pois são mais jovens, ao contrário dos homens que tem predominância em casados. O nível de escolaridade delas é significativamente maior que a dos homens, tendo nível superior completo ou incompleto, ou mesmo com pós-graduação (16,4%, contra 8,2% de masculinas).

Quem conhece somente a PM do Rio de Janeiro pode ficar com a impressão de que as policiais militares, com raras exceções, estão dentro dos quartéis ou cedidas a outros órgãos públicos, cumprindo funções poucos operacionais e desenvolvendo sobretudo atividades de natureza burocrática. Lamentavelmente, a PMRJ, até hoje, não tem estatística desagregadas por gênero, sobre o tipo de alocação (atividade-meio ou fim) mas foi consensual em todas as entrevistas realizadas no estado, tanto com homens quanto com mulheres, a afirmação que há pouquíssimas PMFem trabalhando nas ruas e menos ainda em atividades rotineiras de policiamento ostensivo. (MUSUMECI; SOARES, 2004, p.199).

Objetivos e métodos de pesquisa

Foi realizada uma investigação qualitativa. O instrumento utilizado para a pesquisa foi o de entrevista semiestruturada. Através desse método temos como objetivo identificar os fatores que influenciam no relacionamento das mulheres com os homens no ambiente de trabalho e como eles se relacionam. Analisar possíveis dificuldades que as mulheres enfrentam observar e identificar se há fator como preconceito e analisar a inserção da mulher no mercado de trabalho. A pesquisa foi realizada em uma Delegacia Policial da Região Médio Paraíba, no Estado do Rio de Janeiro, com mulheres (Policiais Civis) com faixa etária de 31 (trinta e um) a 41 (quarenta e um) anos, que trabalham em ambientes de trabalho masculino.

Aspectos éticos

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Universitário de Barra Mansa – UBM / RJ, sob o parecer CEP / UBM nº 3.599.965 de 25 de setembro de 2019. Foi utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), com duas vias de igual teor, sendo uma via entregue para o participante e a outra via ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Barra Mansa – BM.

Resultados e discussão

Apresentamos as falas que mais se destacam dentro da temática pesquisada:

Pergunta 1. Por que você escolheu essa profissão?

P 1	Então na verdade eu não escolhi, eu "tava" fazendo vários concursos, esse nem era um que eu tava interessada, mas na época os meu o meu namorado quis fazer, eu falei ah to fazendo vários vou tentar esse e ai pra minha surpresa eu passei, foi assim ai eu falei eu vou experimentar pra ver se eu me adapto ou se ai eu gostei e to gostando.
P 2	É difícil né. Eh eu sou formada em Direito eu desde o início do período do estágio da faculdade eu atuei na área criminal fui advogada já, advoguei durante um ano sempre fazendo a área criminal sempre foi uma área que eu tive muito interesse, e ai me interessei pela área fiz concurso e passei, gosto muito do eu faço e me identifico muito com a minha profissão.

Podemos entender que a **escolha da profissão** das Policiais Civis, estão um pouco divididas, conforme o relato da P1, ela estava fazendo vários concursos e nem era esse em que ela estava interessada, o namorado iria fazer, ela quis tentar e para a sua surpresa ela passou e está gostando, para a P3 não foi muito diferente escolheu o concurso e com isso veio à profissão. A P2 foi à única que realmente escolheu porque era uma área que ela tinha muito interesse, que se identifica e gosta muito do que faz. A P4 escolheu a profissão porque queria ser **mãe**, e trabalhar em **escala de plantão**, onde possibilitasse que ela ficasse mais tempo com o seu filho, estava estudando para a Polícia Federal (PF), mas passou na Civil. Isso fica evidente que por ser mulher e mãe, a mulher pode exercer sua profissão, e que **filhos não são barreiras** para que ela possa trabalhar e se qualificar profissionalmente, e principalmente em um ambiente masculinizado, e que elas conseguem consolidar entre casa, filhos e trabalho sem problemas.

A afirmativa de que “queria ser mãe” compreendemos que estamos vivendo “um universo bastante diversificado de formações familiares, que têm sido cada vez mais aceitos pela sociedade, como é o caso de famílias de classe média formadas por mãe solteira e filho(a), pai divorciado e filho(a)” (PINHO, 2005, p. 26). Neste sentido, as formas como elas expressaram em como escolheram essa profissão nos faz lembrar que

apesar da nova forma de atuação da mulher na sociedade, nem todas elas incorporaram a nova função de profissionais, havendo, no momento atual, grande diversidade de modos de pensar e agir. Assim, continuam a coexistir discursos antigos e novos na sociedade e, com isso, há mulheres que mantêm apenas a forte identidade de mães, esposas e donas-de-casa, ao mesmo tempo em que outras tentam construir uma carreira no espaço público – desenvolvendo uma identidade profissional – e outras, ainda, buscam conciliar estas duas esferas de ação, a de dona-de-casa/mãe/esposa e a de profissional competente (PINHO, 2005, p. 24)

Pergunta 2. No processo de seleção da polícia, como foi para você executar as mesmas atividades que os homens?

P 1	Eh o teste físico é diferente né eles correm não lembro exato na época a quilometragem deles é bem maior que a nossa e o tempo deles é menor nosso então eu treinei e consegui fazer tranquilamente. Treinei pouco tempo e consegui fazer tranquilamente não é nada absurdo não, não é nada exagerado que você precise meses de treinamento não se você ta numa condição física boa não tiver né acima do peso e tal você consegue fazer era só corrida e não o meu foi só a corrida, foi só a corrida.
P 2	Então o teste físico ele é diferente da mulher e homem, é ele é os exercícios são na Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro, existem né é concursos que os exercícios são diferentes, os exercícios são basicamente iguais no teste porém com uma carga feminina e uma carga masculina como a corrida é mais curta a flexão a gente autoriza a botar o joelho é o abdominal não lembro qual era a diferença acho que era número menor e existe a diferença no teste físico entre o homem e mulher.
P 3	Foi tranquilo. Na parte física tinha diferença pra mulher e pro homem mas era somente na flexão mais não isso não não na parte da prova a prova foi igual o teste físico pra a seleção para se entrar no concurso foi igual pra todo mundo quando você entra na academia de polícia e tem alguma diferenciação na hora da parte física o número de flexões eu me lembro que era diferentes agora o restante era tudo igual tem a parte teórica tem a parte prática e tem a parte física a parte física eu me lembro que a única diferença eram as flexões ai aquela outra parte de defesa pessoal era tudo igual a parte de corrida também lá dentro de tiro tiro tiro de corrida eram iguais agora eu me lembro nas flexões eles nos deram uma aliviada nós podíamos fazer nós fazíamos o mesmo número porém tínhamos a vantagem de deixar o joelho no chão nós podíamos deixar o joelho no chão então ao menos na minha turma foi assim (riso) se nas outra foram eu não sei eram várias quatro turmas seis turmas não sei ai a gente fazia o mesmo número de flexão porém com o joelho no chão.
P 4	Foi normal, não tem não tinha diferenciação nos exercícios né, não tinha moleza pra mulher, mas também não tinha nada muito absurdo não que fosse impossível de fazer.

Nos processos dos testes de aptidão física as Policiais Civis informaram que existe diferenciação entre homens e mulheres. Em geral disseram que foi tranquilo executar os exercícios, a P4 disse que não tinha moleza para mulheres, mas foi normal. As únicas diferenças eram que na corrida, para as mulheres era um tempo mais curto do que as dos homens, na flexão podiam colocar os joelhos no chão, mas era o mesmo número que os homens. Mesmo havendo diferenças no tempo de corrida e nas flexões onde era permitido que elas colocassem os joelhos no chão, fica claro que as mulheres são capazes de executar as mesmas atividades físicas que os homens, mesmo tendo um porte físico diferente deles, e conforme o relato acima da P4, não tinha nada impossível de se fazer. Isso nos transmite a força, a garra que as mulheres têm, e mostra que a sua inserção, mesmo que ainda pequena está começando a evoluir e que as mulheres devem ser tratadas com igualdades e tem capacidade de estar executando as mesmas funções que os homens.

Pergunta 3. Em sua opinião você acha que as mulheres são tratadas com igualdade na polícia?

P 1	Então, eu vou te falar a verdade a maioria dos homens, a maioria ta tem as exceções mas a maioria trata a gente até com mais zelo se preocupa, certas coisas eles vão na frente, não pode ficar ai deixa ai que eu vou, com raras exceções, eu já peguei duas vezes é casos de discriminação por ser mulher, tinha um policial que trabalhava comigo tinha que levar preso ele disse que não iria comigo, não com ela eu não vou, com mulher eu não vou se acontece alguma coisa, como se eu não soubesse reagir né ai e um outro caso mais ou menos igual mas a maioria não, a maioria vai se tiver que ir com você vai mas eles tenta até te proteger, é impressionante a gente acha que é um pessoal muito um mundo muito masculino que eles vão ser grossos que eles vão ser, pelo contrário eu tive todos os lugares que eu fui assim foram poucas exceções mesmo todos eles se preocupam te protegem ai não deixa que eu vou deixa que eu faço e você vê que não é por medo ai ela não vai saber fazer, não é isso, é por zelo mesmo.
P 2	Oh é uma pergunta muito muito difícil de responder assim né no sim ou não, a verdade é que a mulher precisa conquistar um espaço maior que o homem, ela precisa se impor de uma

	<p>forma um pouco diferente do homem porque se não realmente ela fica sempre de escanteio, é sempre ah não chama, não faz, não pode, não vai a operação, não pode prender ninguém, então eu acho que a mulher tem que desde o início quando ela entra numa profissão que é masculina né, esse tipo de profissão ela tem que se impor de uma forma um pouco diferente do homem é a minha opinião, eu nunca passei nenhum tipo de diferenciação né, eu sou tratada eu trabalho num setor onde somos eu e um colega homem, nós temos a mesma obrigação, nós fazemos o mesmo trabalho, temos os mesmos tipos de atribuição, quando eu tenho que prender alguém eu vou vou prender alguém vou ouvir um preso aqui, assim como ele vai fazer, mas eu posso dizer assim no meu caso hoje eu trabalho eu e o colega que tava aqui nesse setor que é de Investigação de Homicídio somos só nós dois, e não existe diferença entre nós dois, de tratamento com os outros colegas, perante os Policiais Militares que trabalham em conjunto, o Delegado, o chefe na não existe uma diferença no tratamento entre nós dois. Eu acho que você tem que se impor é no agir é no agir, é assim por exemplo, a gente trabalha numa profissão em que é essencial o uso de arma de fogo, então eu acho que assim eu como mulher, eu não vou me sentir bem de deixar a minha arma em casa e sentar aqui do lado do meu colega e e eu ter a minha obrigação que ele que acaba que ele ele vai ter que me proteger, então se a gente se eu agir dessa forma ta sempre com uma arma é é que as vezes assim claro as vezes a gente tem medo de fazer algumas coisas a gente a gente teme a gente vai no local mas não sou só eu, ele também, tem locais aqui que a gente já fala assim poxa ali é um lugar mais perigoso mas se você se eu sentar chegar aqui e falar eu não vou porque eu tenho medo então aqui não é o meu lugar né, porque se você porque assim cê entrou num concurso ou qualquer outro tipo de forma que você entrar numa profissão, você se recusa ser identificado você pode sair né você não precisa ficar pro resto da vida então se você entrar na polícia ai eu tenho medo de preso, tenho medo de de sair, eu tenho medo de arma, então aqui não é um lugar pra mim, então eu gosto de agir como se aqui fosse um lugar pra mim e e eu to dizendo né por mim eu sou muito bem tratada pelos meus colegas, sou tratada de uma forma muito igual mas eu já conheço pelo menos dois colegas aqui já são meus amigos a muitos anos, entraram junto comigo e trabalham junto comigo, esse colega aqui eu conheço ele a muitos anos, tem um outro que eu conheço a muitos anos então assim é eu me sinto muito confortável de de trabalhar com eles, nunca tive problema nenhum, nunca fui distratada por eles por ser mulher, não, nunca aconteceu isso comigo, aqui dentro né.</p>
P 3	São bem tratadas, acho que é um ambiente bem tratado, não tem desigualdade, não que eu perceba eu to dentro do meu setor de Cartório, executo a minha função, se eu tivesse em

	outro setor eu estaria também executando a minha função, já tive no plantão pra mim hoje em dia não da, eu não vejo (riso).
P 4	Não. Não. Tem muito machismo. Muito machismo na polícia como tem em qualquer lugar mas aqui tem muito, tem muito de mulheres que não gostam de trabalhar e se né é como é que eu vou dizer, fazem o uso da profissão, do sexo feminino pra não trabalhar na polícia e tem muitas que gostariam de trabalhar mais e que não são deixadas de lado porque são mulheres.

No ambiente de trabalho masculino, existe discriminação, as mulheres têm que lutar por igualdade e são discriminadas pelo fato de serem mulheres, aonde podemos escutar o relato de uma das entrevistadas que já sofreu discriminação por um policial com quem trabalhava. Eles tinham que levar um preso e o policial não quis ir junto com ela, dizendo que com mulher ele não iria, se no caso ele precisasse de alguma coisa, quem o ajudaria, fica bem claro o preconceito do policial em relação a mulher, como se a mulher não fosse capaz de ajudá-lo em que ele precisar, preconceito existe e ele é real. A mesma também nos disse que no geral ela sente uma proteção por parte dos colegas de trabalho, um zelo e não por medo delas não saberem fazer o trabalho. Outra policial disse que a mulher tem que conquistar um espaço maior, ela tem que se impor de uma forma diferente, se não fica para o escanteio. Todas as entrevistadas com exceção da P4 (relatou ainda ter muito machismo) disseram que não existe diferenciação e que são bem tratadas, tendo igualdade.

Podemos perceber que as Policiais Civis não sofrem desigualdade e as que sofreram algum tipo de preconceito foram casos isolados, que hoje em dia não acontecem e que no âmbito geral eles as protegem, não por acharem que não são capazes, mas por zelo, proteção conforme citado acima.

Pergunta 4. Você acredita que esse trabalho é árduo para as mulheres?

P 1	Não, não acredito, eu acho que, o que eu acho árduo é o plantão, isso eu acho, ainda mais que antes era de 48h de plantão, eu peguei três anos de 48h de plantão ai tanto pra mulher quanto pra homem, era eu acho achava um exagero, desumano, mas tirando essa escala no dia a dia eu não acho.
P 2	Eu acho que é pra mulher e pra homem também porque aqui a gente só lida com problema, é só tragédia, é só preso, é só crime, ainda mais assim no setor onde eu to hoje, eu to aqui a quatro anos e meio, aqui a gente lida com a família que perdeu um filho assassinado, uma mãe que vem aqui chorar então as vezes a gente tem que fazer até o trabalho de psicólogo, então é árduo assim no sentido de você é um trabalho meio sofrido né mas eu gosto do que eu faço, eu gosto muito de do que eu trabalho hoje.
P 3	Não. De forma alguma, de forma alguma.
P 4	Não, eu acho que é árduo pra qualquer pessoa, é não só árduo como mal remunerado e sem condições de trabalho, pra qualquer pessoa, independente do sexo e da idade.

Árduo tem sentido a características de um trabalho, como o seu nível de dificuldade por exemplo, complicado de se realizar, seja por exigir muito esforço físico ou mental. Das policias entrevistadas duas não acham que o trabalho é árduo, uma nos disse que o plantão que é árduo tanto para os homens quanto para as mulheres. Duas entrevistadas nos disseram que árduo para ambos, uma ainda nos informou que é mal remunerado e sem condições de trabalho independente do sexo e idade.

Pergunta 5. Como é a reação da sociedade ao te ver prendendo alguém na rua, por você ser mulher?

P 1	Cara as pessoas olham admiradas, elas admiram quando elas veem uma mulher né armada, todo mundo, até quando eu conto que eu sou policial todo mundo acha um máximo, aí quando vê mulher admiram eu nunca vi crítica assim sabe ou discriminação na sociedade não, nunca sofri e nem nunca vi.
-----	---

P 2	<p>Eu acho que é diferente isso, esse ponto é diferente homem e mulher, esse ponto é diferente, eu acho que as pessoas ainda não, ainda não estão acostumadas com as com a igualdade mesmo entre o homem e a mulher, que a mulher pode fazer porque a mulher é sempre tido como um ser frágil, como se ai ela é frágil não pode fazer isso, as vezes me pergunta cê anda armada, ai eu falo po mas é claro sou policial eu sou policial igual qualquer outro policial, nossa mas você sai pra prender, claro ue bandido ta lá eu to investigando homicídio o cara matou o outro eu vou falar que eu não vou porque eu sou mulher eu tenho medo. Eu acho até que essa é esse ponto também é se impor um pouco eu acho até que causa um efeito em relação ao público que a gente trabalha a gente trabalha com muita gente presa muitos criminosos, as vezes tão soltos mas assim já tiveram presos tem passagem a gente precisa ouvir aqui ah o cara um tiro no outro não saiu ele não ta preso ainda mas ai você tem que ouvir o cara que então eu acho que se a mulher não se impor quando é um policial homem o autor já chega aqui com uma conduta diferente então se a mulher não se impor também o cara vai acabar ah senta de qualquer jeito ah não não vou te falar. Mulher é assim a firmeza, falar assim o que que é que aconteceu, é a forma de você se comportar, falar e agir. No caso a gente precisa até fazer não é agir de uma forma que a gente nem agiria de forma normal mas pra pessoa ver que você ta, aqui eu sou uma autoridade policial aqui eu to como policial que eu to trabalhando e você precisa responder o que eu to te perguntando, você precisa ter se comportar entre aspas.</p>
P 3	<p>A reação da sociedade quando vê uma mulher normalmente fardada, uma mulher em operação, é de admiração, nunca vi ou nunca senti nada de diferente disso, principalmente vindo das mulheres, é muita admiração assim que a gente vê, aqui no trato com as pessoas bem assim como eu trato internamente com o público a admiração ela é é a palavra-chave realmente pra no trato de um modo geral.</p>
P 4	<p>É bom, é a sociedade respeita, é eu acho que a sociedade até acha bacana ver uma mulher numa posição do poder, é que assim a gente tem um relativo vou dizer assim, não é um poder efetivo mas eu acho que no geral a sociedade gosta, eu nunca sofri nenhum é como é que eu vou dizer mal trato por alguém que eu tivesse prendendo ou familiar de quem tivesse sendo preso mesmo, porque eu sempre tratei com muito respeito, mas nunca fui hostilizada pela população por ser mulher, eu acho até que eles gosta.</p>

Ao falarem da reação da sociedade ao vê-las prendendo alguém na rua, as três entrevistadas disseram que sentem um olhar de admiração e respeito, a P2 acha que

o olhar é diferente, que as pessoas ainda não estão acostumadas com a igualdade e que a mulher é tida ainda como sexo frágil, por exemplo, ela já foi perguntada se ela anda armada, a mesma respondeu que ela é policial, que a mulher tem que ter firmeza, no comportamento e no agir. Na fala da P2 podemos perceber que a mulher ainda tem que provar que é capaz, mas tem que estar sempre à frente dos homens, se impondo e tendo postura como se tivessem que provar algo para alguém a todo o momento.

Pergunta 6. Como você acha que a sociedade vê as mulheres, neste ambiente de trabalho?

P 1	Cara as pessoas olham admiradas, elas admiram quando elas veem uma mulher né armada, todo mundo, até quando eu conto que eu sou policial todo mundo acha um máximo, aí quando vê mulher admiram eu nunca vi crítica assim sabe ou discriminação na sociedade não, nunca sofri e nem nunca vi.
P 2	Eu acho que é diferente isso, esse ponto é diferente homem e mulher, esse ponto é diferente, eu acho que as pessoas ainda não, ainda não estão acostumadas com as com a igualdade mesmo entre o homem e a mulher, que a mulher pode fazer porque a mulher é sempre tido como um ser frágil, como se ai ela é frágil não pode fazer isso, as vezes me pergunta cê anda armada, ai eu falo po mas é claro sou policial eu sou policial igual qualquer outro policial, nossa mas você sai pra prender, claro ue bandido ta lá eu to investigando homicídio o cara matou o outro eu vou falar que eu não vou porque eu sou mulher eu tenho medo. Eu acho até que essa é esse ponto também é é se impor um pouco eu acho até que causa um efeito em relação ao público que a gente trabalha a gente trabalha com muita gente presa muitos criminosos, as vezes tão soltos mas assim já tiveram presos tem passagem a gente precisa ouvir aqui ah o cara um tiro no outro não saiu ele não ta preso ainda mas ai você tem que ouvir o cara que então eu acho que se a mulher não se impor quando é um policial homem o autor já chega aqui com uma conduta diferente então se a mulher não se impor também o cara vai acabar ah senta de qualquer jeito ah não não vou te falar. Mulher é assim a firmeza, falar assim o que que é que aconteceu, é a forma de você se comportar, falar e agir. No caso a gente precisa até fazer não é agir de uma forma que a gente nem agiria de forma normal mas pra pessoa ver que você ta, aqui eu sou uma autoridade policial aqui eu to como policial que eu to

	trabalhando e você precisa responder o que eu to te perguntando, você precisa ter se comportar entre aspas.
P 3	É eu acho que as mulheres que a gente tem esse contato na parte policial acho que é mais admiração, eu nunca umas coisas de repúdio ah vai fazer menos do que o outro. Quando você ta no plantão que é aquela coisa eminente, aonde vocês vão entrevistar, talvez vocês tem uma resposta diferente, porque quando eu estava no plantão as vezes o homem vindo ele já acha que é menos eu trabalhava no setor de mulher, em defesa da mulher né, e as vezes tinham homens que meio que ou insinuava meio que da em cima, insinuava meio que ah não vai ser nada, e ai se via realmente preso numa posição completamente desagradável (riso). Depois de certo tempo começa a chorar, mas em primeiro momento realmente vem se achando ou querendo se colocar em algumas situações, não são todas, de dez dois né então assim isso pode ser que vocês encontram essas respostas, hoje eu não tenho isso até igual eu acabei de ouvir um homem aqui, você ouve a conspiração, é o respeito normal como policial, agora realmente no plantão aquele choque primeiro, talvez por eu estar lidando com violência doméstica, tinha um pouco isso, quando eu lidava mais com outras coisas né como por exemplo o tráfico, o roubo já não tem, são polícias, chegou na Delegacia polícia é polícia, independente de ser homem ou mulher, agora na violência doméstica tem um pouco disso, tem uma ai depois já é tem que quebrar, ai a polícia tem que quebrar e ai fodeu, olha, ai ficou ruim pra quem fez a gracinha (riso).
P 4	Então, eu acho que a sociedade brasileira ela não aceita mulher é de estar aqui algum é meio posto, eles são machistas, a maioria é machista, as mulher também são machistas e a gente sofre né, a gente querendo um pé de igualdade a gente vai suprir sim e eu acho importante estar aqui porque é por exemplo uma ocorrência de agressão física contra uma mulher, é um prazer danado prender o cara, estupro é um prazer danado prender o cara, então assim não tem, tem coisas que não tem preço, mesmo a gente ganhando mal a gente fica muito satisfeito em fazer, feliz com por trabalhar na polícia, fazer alguma coisa pelas mulheres que não estão na nossa posição, são as vítimas né.

A P1 e a P3 disseram que a sociedade vê as mulheres nessa profissão com admiração, a P2 disse que as pessoas ainda não estão acostumadas com a igualdade entre homem e mulher, e que as mulheres têm que se impor, já a P4 disse que a sociedade brasileira não aceita mulheres no mesmo posto que os homens, ou seja,

são machistas. O aparecimento da palavra “admiração” nos sinaliza que elas são bem vistas perante a sociedade, é um orgulho para sociedade, traduz respeito, consideração, veneração.

Pergunta 7. Como é a postura dos homens para com você, tendo que ser subordinado por uma mulher?

P 1	Não, nunca vi, nunca vi, nada assim, eu já eu sei de Delegadas da Deam, nunca trabalhei com nenhuma Delegada, mas pelo que eu vejo os policiais respeitam pela pela autoridade que é independente de ser mulher ou homem.
P 2	Não.
P 3	Aqui na realidade eu nunca presenciei isso, nem aqui e nem em nenhum local que eu tenha trabalhado, por exemplo ter um Delegado, uma Delegada mulher e terem os outros funcionários, eu não fui lotada num local assim, trabalhei em (município), trabalhei aqui, e trabalhei esporadicamente em (município) não passei por isso, então não saberia te responder como seria, ah como você observa seus colegas trabalho até você mesma ser subordinada por mulher? Não sei, não sei. Eu acredito que por profissionalismo das pessoas que trabalham aqui seria uma questão realmente de respeito, e isso em qualquer lugar, manda quem pode, obedece quem tem juízo e se ta no local pra mandar é porque tem competência pra isso, então eu acho assim dentro dos profissionais que estão aqui dentro, de (município) ou de (município) eu acho que não teria nenhum tipo de problema (tosse), profissional profissional se a pessoa ta na condição de Delegada é porque merece, estudou pra isso, merece o meu respeito e a competência deles, então eu acho, eu acho que não tem problema, e eu nunca vivi, nunca presenciei mas com certeza não tem.
P 4	No meu caso não acontece. Delegada trabalhando com mulher a maioria delas é age com preconceito, age com ciúmes, é como e que eu vou explicar, é que quero que seja na palavra correta, elas são ciumentas, são vaidosas entendeu, então você lidar com uma mulher Delegada é muito complicado, prefiro trabalhar com homens mesmo num ambiente machista. No geral os homens respeitam é, to falando homem população, não homem policial, no geral eles respeitam a mulher tanto Inspetora, quanto Oficial de Cartório, Delegada, é difícil ter alguém que chegue aqui alguém que chegue maltratando no sentido

de que ah você é uma mulherzinha que ta com uma arma na cintura, é muito difícil, isso é mais uma postura de mulher, mulher faz isso ah você só é pá essa mulher ai porque você ta com uma arma na cintura, tem, mas o homem não, inveja né, uma vez uma chamou me chamou pra porrada lá em (município) eu trabalhava lá, ela tava bêbada, ela falou você só é uma mulher porque você ta com essa arma ai, eu falei ta mas eu não vou tirar minha arma pra bater em você porque é o meu plantão eu to trabalhando e você ta ai bêbada né, então você nem entra na onda delas mas assim o policial é mais reserva com relação a se eles respeitam realmente uma Delegada ou colega policial, nunca ouvi nenhuma gracinha mas eu vejo que acontece.

Elas nunca vivenciaram ou presenciaram a postura dos homens sendo subordinados por mulheres, mas que acreditam que seria uma questão de respeito. Uma Policial Civil que trabalhou com uma delegada disse que a maioria delas age com preconceito, com ciúmes e são vaidosas em relação a outras Policiais Civis e que prefere trabalhar com homens mesmo em ambiente machista. Contudo, mesmo não terem presenciado a postura dos homens, acreditam que seria uma relação de respeito, isso é um ponto positivo visto pelas policiais entrevistadas, sinal de que elas veem que os homens têm uma relação de respeito para com elas.

Pergunta 8. Você já sofreu preconceito ou discriminação no ambiente de trabalho por ser mulher?

P 1 Eu já peguei duas vezes é casos de discriminação por ser mulher, tinha um policial que trabalhava comigo tinha que levar preso ele disse que não iria comigo, não com ela eu não vou, com mulher eu não vou se acontece alguma coisa, como se eu não soubesse reagir né ai e um outro caso mais ou menos igual mas a maioria não, a maioria vai se tiver que ir com você vai mas eles tenta até te proteger, é impressionante a gente acha que é um pessoal muito um mundo muito masculino que eles vão ser grossos que eles vão ser, pelo contrário eu tive todos os lugares que eu fui assim foram poucas exceções mesmo todos eles se preocupam te protegem ai não deixa que eu vou deixa que eu faço e você vê que não é por medo ai ela não vai saber fazer, não é isso, é por zelo mesmo.

P 2	Não.
P 3	Não é discriminação, essa questão do plantão que eu te falei não é discriminação na parte mas a parte vem como se você não fosse, não é como se você não fosse policial mas talvez querendo te desmerecer na condição da companheira da pessoa que ele agrediu numa tentativa de desmerecer e você está diante de uma figura feminina você de repente ter uma postura ou que não é a correta né então assim não é questão de discriminação no trato com uma posição contra a mulher as vezes você se sente o homem em uma condição de te achar empoderada, a mulher ta ai né sentado sei lá ter um fetiche também as vezes né no homem que você ta atendendo ai você tem que ter a postura porque o homem quem acha né tudo você acha (riso).
P 4	Só por Delegada já, ela não gostou dum um serviço que eu fiz, que eu trabalhei mais do que eu deveria, trabalhei por ela, não quis incomodar de madrugada, ligando né, era um fragrante, trabalhava na Deam de (município) e não quis ligar pra ela às três da manhã, tomei uma atitude independente da opinião dela, ela foi é ficou sabendo dos fatos através de um outro colega que era amigo dela que tava lá que distorceu tudo, e ela me transferiu de Delegacia em três dias, ai eu tava grávida de três meses, falei pro Delegado de outra Delegacia que também foi hostil que era amigo dela e sai de licença e me mandou de volta pra (município), é o Policial Civil ele sofre é esse tipo de assédio moral, por exemplo você faz alguma coisa que o Delegado discorde e te transfere sem a sua anuência, apesar de nosso estatuto falar que só é só pode ser transferido com a anuência do policial, eles te transferem e não te perguntam o porquê.

Através dos relatos das entrevistadas podemos perceber que das quatro entrevistadas duas já sofreram discriminação e as outras duas não. A P1 sofreu discriminação por ser mulher e pelo policial achar que ela não seria capaz de auxiliá-lo, caso ele precisasse de ajuda, e a P4 sofreu por uma delegada e não por um homem. Cabe ressaltar a fala da última policial entrevistada quando ela disse Delegada, hoje em dia, “várias mulheres das camadas dominantes vêm desempenhando papéis sociais tidos, até há pouco tempo atrás, como ‘masculinos” (PINHO, 2005, p. 17).

Pergunta 9. As oportunidades dadas aos homens são as mesmas dadas às mulheres? A instituição realiza suas atividades sem preferência por sexo?

P 1	<p>Não. Tem alguns cursos que eles não aceitam mulher, não é que não aceita, é velado entendeu, se a mulher quiser fazer que chama ocótico por exemplo que é tipo como se fosse o bope da Polícia Militar tem o bope que é um treinamento intensivo, é aquela coisa né é mais concurso muito rígido né tanto na parte física quanto na psicológica, eles exigem demais, raspam sua cabeça, se for mulher vai raspar também, independente de sexo você vai ter o tratamento igual do homem e eles não não pode se recusar a aceitar mas o que eu soube é que se a mulher entrar eles vão perseguir até ela pedir pra sair, isso eu sei, esse curso específico que é de operações estáticas ai tem isso é, eu lembro que quando eu fazia adepol a dez anos atrás que eu tenho dez anos de profissão é tinha uma menina que ela era toda bombada ela queria fazer de qualquer jeito e falaram isso pra ela olha se eu fosse você eu não entraria você não vai conseguir entendeu.</p>
P 2	<p>Eu acho que dentro da dentro da instituição não existe diferença não.</p>
P 3	<p>São com certeza, todos os cursos são abertos pra todos, não tem nada olha só nada, as oportunidades da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro são abertas pra todos, a gente tem um curso aberto, se eu quisesse na Aman pra aperfeiçoamento de tiro e tal tem um número de vagas limitadas mas quem se inscrever ta inscrito, eu nunca vi o doutor botar numa lista isso daqui eu não vou botar não isso aqui eu vou riscar isso não aconteceu, as oportunidades da Polícia Civil são pra todos, agora se de repente vai chegar no seu administrador que é o seu Delegado e ele vai riscar eu não vi, pode ser que aconteça (riso) é questão administrativa, eu não sei, ah o número de vagas limitados a oportunidade da Polícia Civil a profissão pra trinta polícias fazerem o curso de aperfeiçoamento de tiro, entraram acabou com as cinco mulheres na Delegacias entraram e tiraram cinco homenzinhos que eu preciso que fazem equipe aqui comigo então vou riscá-las, eu não sei eu não vi eu não me inscrevi porque eu não tenho tempo de fazer, não me inscrevi, então eu não sei se meu nome seria riscado ou não, então é uma questão de oportunidade é essa não sei se é uma oportunidade da Polícia Civil ou uma oportunidade administrativa.</p> <p>Ah eu acredito que faça por uma questão administrativa por exemplo se você ir pra um local e arrombar uma porta, fazer um local que todo mundo sabe que é arrombamento, é lógico que ele vai chamar um homem pra poder pegar aquele negócio de arrombar a porta pra arrombar a porta então ele vai dar sim preferência para o homem, isso é uma questão de</p>

	<p>vantagem? Não isso é uma questão de lógica, não é uma questão de vantagem, não é desmerecimento, isso é estratégia porque a porta tem que ser arrombada entendeu e atrás daquele homem que arrombou a porta tem uma mulher se tiver aqui nós somos em cinco, aqui nós temos trinta e duas pessoas no local e cinco mulheres então assim é claro que o número de homens vai ser maior (riso). Em qualquer operação que nós fizermos, agora isso não significa que isso seja uma vantagem, não é uma vantagem, eu não vejo isso como uma vantagem, eu vejo como uma estratégia aqui dentro. Ah o cara a gente já sabe ta com a foto do cara aqui pra poder prender o cara, o cara é enorme, grandão, a gente tem digamos que seja homicídio que é o que vocês ouviram, aí tem o policial X e tem a policial Y, vai quem? Vai o policial X, po um homem grandão, vai a policial Y por que? Vai o policial X, vai o X e chama um outro cara, ela vai junto? Vai junto, mas os caras que vão ta entendeu então é uma questão de estratégia porque tem que funcionar uma questão administrativa, inteligente, eu não acho que seja desmerecimento, é lógica tem que funcionar.</p>
P 4	<p><i>Não, aqui nessa Delegacia não, não, não. Eu acredito que na core não tem mulher, tem que não tenha feito o teste físico mais difícil que é o do Bope que é o curso mais difícil da core, esses ai só homens passavam, nenhuma mulher até hoje na história da polícia, não é um preconceito é uma seleção né, na mente do cara não vou botar uma mulher pra subir favela, não sei, acho que é uma questão de bom senso também, não que a mulher não possa se qualificar tanto quanto o homem mas uma proteção, acho que é mais nesse sentido do que preconceito propriamente dito, nesse caso.</i></p>

Duas Policias Civis acham que as mesmas oportunidades dadas aos homens, são as mesmas dadas às mulheres. As demais disseram o oposto, que tem cursos da Polícia Civil que não aceitam mulheres conforme a fala da P1 que explica detalhadamente. A inserção das mulheres em um ambiente de trabalho masculino existe, mas a luta pelos seus direitos de igualdade é contínua, conforme os relatos citados acima, aonde existem cursos dentro da polícia que não aceitam mulheres.

Pergunta 10. Quando se tem uma operação externa, você se sente ou já se sentiu discriminada, pelo fato de ser mulher?

P 1	Não, eu não me sinto sinceramente eu não me sinto discriminada, eu já vi policiais que se sentem, eu nunca me senti, eu vejo isso como uma preocupação deles em nos proteger, as vezes vamos supor tem mandato de prisão a cumprir, ai tem um cara que eles sabem que ta armado eles mandam fala não vai você vai prender mulher te da um alvo que é feminino mas não vejo isso com algo a ser despreparada, eu entendo assim é uma proteção, entendeu?!
P 2	Não. Nunca.
P 3	Isso acontece, eu não me sinto discriminada não, eu acho que é uma questão de estratégia, eu não me sinto, eu não me sinto discriminada não, eu acho que é uma questão de estratégia em como vou me posicionar, eu acho assim que se você precisa de força pra um arrombamento ou alguém com um porte físico você não vai chamar uma gordinha você tem que chamar uma pessoa mais magra, então assim precisa determinar algumas coisas, a pessoa que já conheça, que já sabe a cara das pessoas então eu não vejo.
P 4	Não.

Elas não se sentem discriminadas quando se tem uma operação externa, porém uma das entrevistadas já viu colegas que se sentiram discriminadas sim. A P3 vê como uma questão de estratégia, na fala dela ficou claro de que se precisar arrombar uma porta, tem que ter um homem e não uma mulher, ou seja, se identificando como um sexo frágil pelo seu porte físico de que homem tem mais força, porém ela se contrapôs dizendo que não é um trabalho árduo para mulheres. Isso nos faz perceber que a predominância de homens na Delegacia faz com que tenha diferenciações pelo simples fato da mulher ter um corpo, um porte diferente ao dos homens.

Tais diferenciações, por sua vez, possibilitam que haja uma sensação de desajuste ou deslocamento das mulheres que ocupam determinados lugares e posições. Com essa descrição do processo de ocupação por mulheres de lugares antes predominantemente masculinos não se pretende indicar uma caracterização imutável desses espaços, mas sim apontar os custos que as mulheres ainda

suportam para ocupar determinados lugares, para além de outras questões estruturantes, como a divisão do trabalho doméstico. (ABREU; MEIRELLES, 2012, p. 11)

Pergunta 11. Você tem alguma experiência ou algo que tenha acontecido que possa ter te marcado, por ser mulher nessa profissão?

P 1	Teve essas duas, isso foi bastante dolorido, isso foi até no dia assim fiquei muito abalada, não queria nem falar com ele fui pro banheiro chorar e tal mas é foi isso e a outra eu realmente não me lembro especificamente mas foi algo parecido, um comentáriozinho assim entendeu de tipo ai não porque é mulher não vou, eu fico inseguro não da, foi nesse sentido.
P 2	Não. Nunca.
P 3	Não. Só coisas boas. Pode ser ruins ou boas? (risos). (...) Me marca o dia a dia ser policial é um orgulho muito grande, é uma profissão magnífica, se vocês tiverem a oportunidade de serem policiais vão exercitar a Psicologia de forma porque não precisa para ser policial de Cartório como eu, não precisa ter Direito mais precisa ter o terceiro grau e exerce muito a Psicologia nossa é uma coisa vai ter um concurso ai se vocês tiverem a oportunidade de fazer vocês fazem, pra exercitar na a gente ta como maluca aqui né porque não é a nossa ossada né e saber lidar diretamente com a cabeça das pessoas e eu não tenho experiência nenhuma nisso vocês que tem seria ótimo (riso). Acho que é muito mais cara de quem faz Psicologia do que quem faz Direito.
P 4	Eu acho que o fato de eu ser transferida quando tava grávida foi é errado né, ainda mais pelo motivo pessoal, eu morava em São Paulo, trabalhava em (município), fui transferida pra 120km mais distante da minha casa, ela sabia disso, então ela fez, não chegou a me marcar mas eu não trabalho mais lá porque eu não quero também e nem com ela.

A fala de uma entrevistada relatou que já houve situação em que um policial fez um comentário machista em relação a ela. Deixando claro de que ainda há discriminação, ou seja, alguns homens não acreditam no potencial da mulher.

Pergunta 12. Seus colegas de trabalho tratam você com igualdade ou inferioridade devido você ser mulher?

P 1	Não, eu não noto isso, vai muito de como a pessoa encara né também, tem gente que encara certas coisas como ah é porque eu sou mulher, eu não encaro assim, pelo carinho que eu vejo que eles tem comigo eu encaro como uma proteção, não encaro como uma discriminação.
P 2	Não não. Me tratam de forma extremamente igual, de forma muito profissional.
P 3	Ah igualdade.
P 4	Igualdade.

Apesar do preconceito e da discriminação existirem, as policiais não sentem que são tratadas com inferioridade pelos seus colegas e sim com igualdade. A palavra “igualdade” foi repetida diversas vezes e significa dizer o fato de não apresentar diferença de qualidade ou valor, ou de, numa comparação, mostrarem-se as mesmas proporções, dimensões, naturezas, aparências, intensidades. Assim podemos pensar que seus colegas de profissão não se importam se elas são mulheres, a forma de tratar as policiais é a mesma forma que eles tratam os policiais.

Pergunta 13. Quais as dificuldades você enfrenta ou enfrentou para se inserir nesse trabalho?

P 1	Então quando eu entrei eu enfrentei porque quando eu entrei era muita gente mais velha na polícia que a gente chama de cascudo é policial que já ta quase se aposentando então é inclusive a minha primeira lotação foi em (município), o chefe do meu setor assim que eu cheguei lá pra trabalhar, me falaram assim ih você vai trabalhar com um cara que odeia trabalhar com mulher, ai eu falei eu mas vai ter que trabalhar né pensei comigo e fui, só que o cara até hoje onde ele vai pra Delegacia que vai ele me chama, você quer vir comigo, vem trabalhar comigo que não sei o que porque o que ele falou até então todas as mulheres que
-----	---

	<p>ele pegou se encostava ai isso eu não vou fazer ai eu não sei o que ai eu to com cólica sabe esse um monte de coisa, usava o fato de ser mulher pra não fazer as coisas então ele não gostava de trabalhar com mulher até o dia que ele pegou uma pessoa que trabalha tanto quanto homem né, independente do sexo, ele generalizava mas ai ele começou a trabalhar comigo ele falou ai vieram falar o que que você fez o que que aconteceu, eu falei ue eu só fiz o meu serviço né e ai.</p>
P 2	<p>Oh vou falar pelo que assim o o o tipo de inquérito que eu trabalho hoje, eu acho que é uma dificuldade muito grande a gente ter que lidar com a pessoa que perdeu alguém né porque a gente como policial e isso não é questão de homem ou mulher, a gente não é treinado pra pra ser o psicólogo, eu não sou psicóloga e nem o outro colega, nós dois fizemos Direito porque por exemplo você pode amanhã fazer um concurso de da Polícia Civil, entrar no mesmo cargo que eu e você atuar no mesmo lugar que eu só que você tem uma formação que eu não tive então as vezes eu eu a gente assim com uma pessoa que perdeu a outra, poxa as vezes uma senhora, vem aqui um senhor, o pai a mãe, as vezes filho vem, as vezes vem a esposa com criança e e a gente com a situação assim então eu acho que essa essa é a parte difícil, é você ter que lidar com o problema da pessoa sem a gente ter formação, e e hoje tem que ter aqui um antigamente ainda tinha quando eu entrei ainda tinha um atendimento de psicóloga, a gente poderia chamar, auxiliar assim eu não trabalho com esse tipo de situação hoje, que é o caso de violência doméstica, muitas vezes a mulher chega aqui chorando muito e você não consegue nem entender o que aconteceu, você precisa perguntar, você precisa adequar aquilo no depoimento mas você não consegue conversar com a pessoa, a pessoa ta chorando a pessoa ta machucada, a pessoa as vezes ela se envergonha da de algumas situações e isso falta falta aqui dentro mas isso não tem nada haver com ser homem ou ser mulher, tem a ver com a gente não ter formação e não ter preparo pra esse tipo enfrentar isso daí. A gente tenta assim as vezes ouvir e tentar, mas a gente não tem formação pra isso.</p>
P 3	<p>A dificuldade é pouco funcionário pouco funcionário é o contingente da polícia muito pequeno, pouca gente pra poder informar, pra ajudar, se entra tendo que fazer porque o volume de funcionário é muito pequeno, então você entra tendo que trabalhar, então assim e você não sabe, você sabe, você fez o curso mas você é jogada, então a maior dificuldade é você vai resolver por telefone, falar com o Delegado e tal é difícil é difícil, entrar sem contingente sem um apoio estrutural, o computador não liga porque a tomada é adaptada, hoje que a gente ta com umas viaturas boas ai pra trabalhar mas a estrutura isso é a maior dificuldade pra polícia,</p>

	caso de papel tudo volta porque a precatória não faz é complicado então assim é bem complicado.
P 4	Eu acho que as dificuldades foram não foram inerentes ao fato de eu ser mulher, é foram as dificuldades que todos enfrentaram, foi um concurso muito difícil com quinze mil candidatos, é foi longa com oito meses, é eu pedi pra ficar lotada aqui no interior, consegui, não tive uma dificuldade assim, mas nada além do que os outros tiveram.

A dificuldade enfrentada por uma delas foi no caso, a discriminação por policial cascudo (policiais antigos na profissão) que dizia não gostar de trabalhar com mulheres. O motivo pelo qual ele não gostava foi devido as experiências passadas, pois as mulheres em que ele já trabalhou ficavam encostadas, não queriam trabalhar usando o fato de ser mulher (cólica por exemplo). Já a P4 disse que as dificuldades foram as mesmas enfrentadas por todos, sendo um curso muito difícil, e ainda tem que provar que são capazes dia após dia.

Temos na palavra discriminação um substantivo feminino que significa distinção ou diferenciação. No entanto, o sentido mais comum do termo é designar uma ação preconceituosa em relação a um grupo ou a uma pessoa. Tomando a condição de ser entre uma mulher e um homem, a discriminação vem de gênero ou sexismo, ou seja, é o preconceito baseada no gênero ou sexo de uma pessoa. O sexismo é mais documentado como afetando mulheres ou meninas, mas pode afetar qualquer gênero. Podemos entender o sexismo com a atitude ou discurso do policial cascudo que não queria trabalhar com a P1.

Pergunta 14. Você encontrou ou encontra dificuldades nos seus relacionamentos amorosos por trabalhar em um ambiente muito masculinizado?

P 1	Então eu já namorei um policial, ele tinha ciúmes porque (riso) assim é um ambiente que facilita não sei as pessoas parece que tem um fetiche com polícia uma generalização, eu vejo isso a mulherada que se joga em cima dos policiais infelizmente vem fazer ocorrência como é mais homem eu vejo as mulheres isso tem com a gente também, vem homem fazer ocorrência já sabe quer puxar um assunto, puxar uma conversa, então ele sabe que o ambiente favorece a isso então ele tinha ciúmes, então os que são fora meu marido por exemplo não tem nada haver com a área ele não tem problema algum com isso.
P 2	Ah sabe o que acontece, eu entrei eu já era casada com policial, meu marido já era policial a muito mais tempo que eu, então eu nunca tive que passar por essa situação né de ser uma mulher as vezes solteira me relacionar com uma pessoa e e ver qual é o impacto porque eu fui casada sempre com policial então, mas eu que mando nele em casa ta só pra ficar registrado no trabalho (riso).
P 3	Com certeza, muito, acontece, isso não separa (riso). Trabalhar é complicado, é diferente, mas não é dificuldade. As vezes você pode também usar isso como uma vantagem sua, pra você saber o masculino te ajuda e também te prejudica, você saber a vida do outro você pode usar como vantagem ou claro que com a minha idade é mais fácil usar como vantagem, agora realmente há um tempo atrás você já não usa como vantagem, mas faz muita diferença sim (riso).
P 4	Meu ex marido é policial, extremamente preconceituoso, é não deu certo o relacionamento, um dos conflitos era por eu ser policial também, porque ai eu acredito que ele fazia uma questão da pessoa ele se sentia inferiorizado porque eu era inspetora e ele era agente de polícia, que é agente lá em São Paulo né, então eu contava as ocorrências que eu presenciava que eu atendia, e ele falava que aquilo não era polícia, pra ele polícia é tiro, porrada e bomba, só nesse sentido mas eu acho que é coisa pessoal dele, é problema dele de se sentir inseguro e tal, não é nada com outras pessoas eu não passei por isso porque eu não namorei ninguém depois (riso).

Em seus relacionamentos amorosos por trabalharem em um ambiente masculinizado elas encontram dificuldades como ciúmes e preconceito, tal discriminação vem dos próprios parceiros que também são policiais, um exemplo é o relato da P4, que seu ex-marido se sentia inferior a ela, porque ele era agente da polícia e ela inspetora.

O aparecimento da palavra “preconceito” sinaliza a vontade do ex marido em querer ser superior a mulher na profissão, que tem como fundamento o machismo,

neste contexto, que as mulheres são inferiores aos homens. Compreendendo que o machismo continua existindo, apesar das mulheres estarem independentes e conquistando cada vez mais níveis mais altos na profissão.

Pergunta 15. Como é o seu relacionamento no ambiente familiar, por ser uma policial? Sofreu algum preconceito, o que eles pensam a respeito da sua profissão? São contra ou a favor?

P 1	A minha mãe tem pavor, ela quer que eu saia da polícia de qualquer jeito que ela acha muito perigoso e tal, agora o resto da minha família acha o máximo, adora, todo mundo admira.
P 2	Não, sou casada com policial também. Não, nunca tive problema.
P 3	Preconceito na família tem, muito preconceito na família, muito. Minha família é pequena e tem preconceito por todos os lados por eu ser policial não é uma questão de apoio ou não é uma questão de é uma questão não é contra não saberia te explicar mas não é visto como admiração talvez seja essa a pergunta é visto como se você não tivesse chegado a lugar nenhum, pode ser assim, eu acho que pra minha família é mais ou menos isso assim. Eu acho que pra família de muitos policiais ta, a gente pode até não ta vendo mas sabemos do nosso valor só quem é polícia sente sabe só quem é polícia lidar com o crime lidar com o ser humano só quem é polícia sabe então nós sabemos o nosso peso e o nosso valor dentro da sociedade então assim de uma certa forma você ta ali você ta tendo a consciência disso mas quem está de fora realmente não vê essa consciência e o contingente de Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro deve ter nove mil ativos né então assim só esses órgãos sabe, familiar nenhum sabe.
P 4	Não, ninguém tem, apoia. Quando eu tava estudando ninguém gostava muito né porque eu não tinha entrado ainda, depois que eu entrei eu sinto que meu pai né fica preocupado, minha mãe fica preocupada mas nada ah nossa você não vai conseguir você é muito mulherzinha como dizem os outros pra trabalhar nisso, é normal.

Encontramos nas falas pausadas de três policiais que é um assunto delicado ao falar sobre apoio familiar na profissão em que elas exigem. Através dos relatos em

geral podemos perceber que **nas famílias não existem apoio** e ainda há muito preconceito em ser policial.

O cenário ideal da época era o da família conjugal moderna, de modelo burguês, formada por mãe, pai e filhos, sendo que cada um tinha sua função “normatizada” e, assim, regulada pela ordem médica – o pai deveria ser o provedor da casa, ou seja, quem trabalha fora e traz o sustento para a família, e a mãe, envolvida pelo seu “amor” incondicional, deveria cuidar da família e do lar, com dedicação e zelo. Os filhos deveriam respeitar e seguir este exemplo de harmonia familiar, aprendendo a executar tais papéis” (PINHO, 2005, p. 22)

Antes do filho nascer, os pais idealizam características que, na realidade, são reproduções ideológicas acerca de cada sexo, no caso das meninas acredita-se que as filhas serão mais delicadas e dóceis, por isso esse preconceito quando filhas dizem que querem exigir o cargo de polícia, pois uma policial não pode ser frágil.

A partir do nascimento, meninos e meninas começam a entrar em contato com esta rede de significações sociais e passam a ser educados de formas distintas, de acordo com os parâmetros estabelecidos pela sociedade a respeito de que características e atitudes cabem aos homens e às mulheres e que papéis eles devem desempenhar ao longo de suas vidas. É assim que os indivíduos vão construindo as suas identidades. (PINHO, 2005, p. 30)

Considerações finais

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou desenvolver uma análise e identificar como é a relação dos homens com as mulheres em um ambiente de trabalho masculino, como é o comportamento dos homens para com elas e quais os desafios que elas encontram ou encontraram nessa profissão por ser mulher, por trabalharem em um ambiente de trabalho masculinizado e como elas lidam com os desafios que possam surgir como preconceito e discriminação.

Através das entrevistas semiestruturadas, foi possível avaliar as questões sobre a inserção da mulher no ambiente de trabalho masculino, preconceito/discriminação, sobre a visão que a sociedade tem ao ver uma mulher na polícia e como as mulheres se comportam mediante as dificuldades. A coleta de informações se deu na Delegacia Policial da Região Médio Paraíba, no Estado do Rio de Janeiro com 4 (quatro) Policiais Civis. As análises dos dados obtidos possibilitaram identificar e compreender o relacionamento dos homens com as mulheres no ambiente de trabalho, e como elas se sentem em relação ao comportamento e tratamento dos homens para com elas em relação a mulher no ambiente de trabalho masculinizado.

Esta pesquisa se estruturou com a participação das Policiais Civis, e com a contribuição delas aonde detectamos que algumas delas já sofreram discriminação e preconceito, por ser mulher, mas fato esse que nos dias atuais não acontecem mesmo que em alguns casos ainda exista o machismo, conforme o relato das policiais. O fato que nos chama atenção é que as mulheres sentem que os homens em geral querem protegê-las e tem zelo por elas.

Esse comportamento dos homens em proteger as mulheres nos deixa um pouco surpresas porque, como as mulheres ainda estão lutando pelos seus direitos e por elas relatarem sobre o curso que somente os homens podem fazer, nos faz pensar que o tratamento dos homens poderia ser diferente, não que fosse discriminação ou preconceito, mas o de proteção foi uma surpresa. Essa proteção não é por acharem que elas são do sexo frágil e sim por eles chamarem a responsabilidade para si, não desmerecendo as mulheres, como ficou claro que eles não acham que elas são incapazes.

A discriminação e o preconceito que as mulheres sofreram foram no início da profissão, pois nos dias atuais isso não acontece, elas não sentem nenhum comportamento negativo da parte dos homens para com elas, podemos perceber que a inserção da mulher no ambiente de trabalho masculino está evoluindo, porque em uma Delegacia de polícia propriamente dito, um ambiente masculinizado, as mulheres

não são discriminadas e são tratadas com respeito, podemos dizer que essa evolução está acontecendo, que as mulheres sabem o que querem e sabem que mesmo com essa evolução ainda têm que se impor provando que são capazes e podendo estar exercendo as mesmas funções que os homens, e pelo fato de serem mulheres elas não podem ser excluídas.

Outrossim, conforme o relato de uma das entrevistadas, existe curso na polícia que é direcionado apenas aos homens e outro curso que é direcionado para os dois sexos, porém só homens passaram até hoje, porque se alguma delas entram para o curso, eles fazem com que elas peçam para sair. Esse fato é muito agravante, sendo claro o preconceito e a discriminação referente as mulheres, um pelo fato do curso ser direcionado somente aos homens, tirando o direito da mulher fazer, e o outro ser aberto para os dois sexos, contudo, fazerem de tudo para que elas peçam para sair. Portanto, como citado que no curso mandam raspar a cabeça, cabe a elas decidirem se raspam e executam tal curso e não simplesmente serem vetadas (fazendo com que peçam para sair) por serem do sexo feminino. A discriminação e o preconceito não podem e não deve existir pelo sexo, e isso infelizmente ainda acontece.

De maneira geral, as respostas obtidas pelas entrevistas não mostraram discrepâncias muito significativas entre nossa pesquisa na referência teórica deste trabalho, apenas o fato de dizerem que seus colegas de trabalho tratam as mesmas com proteção. A partir das questões supramencionadas, podemos inferir que a temática desta pesquisa é um campo pouco investigado, entretanto muito abrangente e relevante para a compreensão dos fenômenos que atravessam a igualdade feminina e masculina. Assim, faz-se necessário o aprofundamento das pesquisas sobre a temática da igualdade para trazer à luz da ciência a capacidade e a força das mulheres.

Este estudo deixa encaminhamentos para futuras pesquisas, dentre eles: possibilidade de estudo longitudinal para comparar o desenvolvimento da igualdade entre os sexos, um estudo sobre as comparações entre todas Delegacia do Estado do Rio de Janeiro para saber se possui a mesma temática.

Referências

ABREU, M.A.A; MEIRELLES, R.L. **Mulheres e homens em ocupação de cargos de direção e assessoramento superior (das) na carreira de especialistas em políticas públicas e gestão governamental (EPPGG)**. Rio de Janeiro: NOV 2012. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/1000/1/TD_1797.pdf. Acesso em: 1 set. 2019.

ASSIS, Rosiane Hernandez A. **A Inserção da Mulher no Mercado de Trabalho**. Convibra 09. 16p. Disponível em: <https://docplayer.com.br/7634407-A-insercao-da-mulher-no-mercado-de-trabalho.html>. Acesso em: 23 ago. 2018.

ATHAYDE, Laura. **Mulheres em espaços tipicamente masculinos: Entrevista com acadêmica de ciências da computação**. Capitolina, 2015. Disponível em: <http://www.revistacapitolina.com.br/mulheres-em-espacos-tipicamente-masculinos-entrevista-com-academica-de-ciencias-da-computacao/>. Acesso em: 30 ago. 2019.

BAYLÃO, André Luis S. e SCHETTINO, Elisa Mara O. **A Inserção da Mulher no Mercado de Trabalho Brasileiro**. Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia, 2014. 12p. Disponível em: <https://docplayer.com.br/111587-A-insercao-da-mulher-no-mercado-de-trabalho-brasileiro.html>. Acesso em: 4 set. 2018.

Brasil. **Consolidação das leis do trabalho**. Decreto-lei nº5.452, de 1º de maio 1943. Aprova a consolidação das leis do trabalho. 104.ed. São Paulo: Atlas, 2000.Coletânea de Legislação. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/Del5452.htm. Acesso em: 31 ago. 2018.

CALAZANS, Márcia Esteves de. **A constituição de mulheres em policiais: um estudo sobre policiais femininas na brigada militar do Rio Grande do Sul**. 2003. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/2940> Acesso em: 01 out 2019.

DEVREUX, Anne-Marie. **A teoria das relações sociais de sexo: um quadro de análise sobre a dominação masculina**. Sociedade e estado, Brasília, v. 20, n. 3, p.561-584, set./dez. 2005. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/se/v20n3/v20n3a03.pdf>. Acesso em: 19 set. 2019.

ECCEL, Claudia Sirangelo; GRISCI, Carmen Lígia Iochins. **Trabalho e gênero: a produção de masculinidades na perspectiva de homens e mulheres**. Cadernos Ebape. BR, v. 9, nº 1, artigo 4, Rio de Janeiro, Mar. 2011, p.57 – 78. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/3232/323227828005.pdf>. Acesso em: 01 set. 2019.

GOULART; MELO Assis. **Projeto de Lei nº 8.862, de 2017**. Art 137, caput – RICD. Disponível em:

https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=B3B98268AF99C4D283575F0F9BCF7D39.proposicoesWebExterno2?codteor=1613930&file name=Avulso+-PL+8862/2017. Acesso em: 22 set. 2019.

MUSUMECI, Leonarda; SOARES, Bárbara Musumeci. **Polícia e gênero: participação e perfil das policiais femininas nas PMs brasileiras**. Niterói, v.5, n.1, p. 183-207, 2. sem. 2004. Disponível em: <file:///C:/Users/giuli/Downloads/31001-106270-1-PB.pdf>. Acesso em: 24 set. 2019.

NABUCO, Camila; ALVES, Elisa; MARINHO, Jade. **Os desafios e vitórias de mulheres que trabalham em ambientes majoritariamente masculinos**. Só delas. Disponível em: <https://www.sodelas.com.br/noticia/os-desafios-e-vitorias-de-mulheres-que-trabalham-em-ambientes-majoritariamente-masculinos>. Acesso em: 30 ago. 2019.

PINHO, A. P. D. **Nem tão frágil assim: Um estudo sobre mulheres em cargo de chefia**. Disponível em: <https://docplayer.com.br/244161-Nem-tao-fragil-assim-um-estudo-sobre-mulheres-em-cargos-de-chefia.html>. Acesso em: 1 set. 2019.

Preconceito contra mulheres: Saiba quais são e como podemos ajuda-las. Lifelink, monitoramento pessoal. Disponível em: <https://lifelink.com.br/preconceito-contra-mulheres/>. Acesso em: 22 set. 2019.

RIZEK, Cibele Saliba; LEITE, Márcia de Paula. **Dimensões e representações do trabalho fabril feminino**. Cadernos pagu (10) 1998: pp.281-307. Disponível em: file:///C:/Users/giuli/Downloads/cadpagu_1998_10_11_RIZEK_LEITE.pdf. Acesso em: 23 set. 2019.